

QUANDO NIETZSCHE SORRIU: O LUGAR DO RISO NA FILOSOFIA NIETZSCHIANA

Adelson Matias Souza¹

Cremilda Rodrigues de Oliveira²

RESUMO

É comum ouvirmos daqueles que descobriram a filosofia de Nietzsche, reconhecer no Filósofo do Martelo e seus escritos densos e pouco ortodoxos, a figura de um pensador carrancudo, colérico, ensimesmado, solitário, deprimido e cronicamente infeliz. Obstante; este artigo almeja sob forma metodológica, que não procura manter-se fiel à cronologia dos escritos nietzschianos; pelo contrário, como um mosaico extemporâneo e anacrônico; (contudo lúdico), quer mostrar a importância inquestionável atribuída ao riso; (e, conseqüentemente ao humor e à alegria) na filosofia nietzschiana. Ele mesmo, nada misogelasto; inversamente, um homem bem humorado e de fino trato, faz recorrência do riso em seus escritos como a Gaia Ciência; Ecce Homo; Genealogia da moral; Assim Falou Zaratustra e Para Além Do Bem e Do Mal;- obras que referenciarão este estudo. Existe bom humor em Nietzsche? Qual o papel do riso na sua filosofia? Há no risível seriedade filosófica? São essas as dúvidas que se pretende discutir ao longo do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Riso; Pensamento trágico; Conhecimento; Filosofia ridente.

ABSTRACT

It is common to hear from those who discovered Nietzsche's philosophy, to recognize in the Hammer's Philosopher and his dense and unorthodox writings, the character of a thinker, sullen, choleric, self-absorbed, lonely, depressed, and chronically unhappy. However; This article aims at a methodological way that doesn't seek to remain faithful to the Nietzschean's chronology writings; Otherwise, as an extemporaneous and anachronistic mosaic; (and Yet playful), wants to show the unquestionable importance attributed to laughter; (And consequently to humor and joy) in Nietzschean's philosophy. Himself, nothing misogynist; inversely, a well-humored and well-mannered man, he makes recurrence of laughter in his writings like Gaia science; Ecce Homo; Morals' Genealogy; Thus spoke Zarathustra and Beyond Good and Evil, - works that will reference this study. Is there good humor in Nietzsche? What is the role of laughter in his philosophy? Is there in risible philosophical seriousness? These are the doubts that will be discussed throughout the text.

KEYWORDS: Laughter; Tragic thinking; Knowledge; Ridiculous philosophy.

Introdução

¹ Licenciado em Pedagogia –ULBRA e Arte Visuais-UNB, pós-graduado em Gestão Escolar-UNIR e pós-graduado em Filosofia- UCAM.

² Licenciada em Pedagogia – ULBRA, acadêmica do curso de Educação Física – UNIR, pós-graduada em Gestão Escolar- UNIR e pós-graduado em Filosofia – UCAM.

A seriedade sempre foi o marco distintivo do “verdadeiro” filósofo, ou daqueles ditos amantes da sabedoria. A filosofia que não ri, (a metafísica clássica), foi inaugurada por Sócrates e Platão (Séc. V – IV a.C.); e, mais moderadamente por Aristóteles (384 - 322 a.C.), que destoando dos seus mestres afirmara “Só o homem sabe rir”. A seu modo, eles fizeram a filosofia sistemática carrancuda e séria preocupar-se com a possibilidade humana de conhecer e indagar quais as causas das ilusões; dos erros e da mentira, para que possamos conhecer a realidade verdadeiramente. Eles desenvolveram um método especial de filosofar (Dialética), onde o rigor do pensamento e a profundidade do conhecimento cognitivo-intelectual não permitiam o riso.

Conceberam as ideias fundamentadoras, possíveis somente pelo ato intelectual que com a participação concomitante da alma humana, permitiria assim transcender as aparências/sentidos, e, chegar à essência/ideias;- tudo dentro da mais hermética austeridade cognoscente.

Deste modo, vemos ainda em dias atuais que a essência da atividade filosófica, com seu “rigor virtuoso” não admite qualquer distração gracejosa. Filosofia e filosofar, nesta perspectiva exigem seriedade máxima.

O riso nietzschiano contra a Metafísica clássica e a racionalidade ocidental

Friedrich Nietzsche (1844 -1900), não gostava da trinca de ouro inauguradora da filosofia ocidental. Notadamente ele desdenhava Sócrates, por ter sido aquele um dos responsáveis por colocar para a filosofia as questões morais. Isto teria trazido uma grande infelicidade para o homem por começar a viver uma má-consciência ou, consciência culposa; o que em consequência máxima, teria preparado o caminho para a doutrina judaico-cristã; que relaciona, culpa erro e pecado;- avaliações meramente morais, que custaram na percepção do filósofo a alegria humana de viver.

Mas, o que há de errado com esta metafísica “trombuda” racionalista clássica e influenciadora da filosofia ocidental, a ponto de constituir-se o ponto fulcral da filosofia de Nietzsche? E, como o filósofo das marteladas se posiciona em relação a elas? Contra a cultura, os valores e a moral decadentes, a religião, a ciência e o conhecimento; o filósofo impunha suas irônicas e sarcásticas diatribes, (que são sim; categorias estéticas do riso), como forma de aperfeiçoamento e de libertação humana.

Ele nos adverte, (...) “vós deveríeis aprender a rir, meus jovens amigos, se, todavia, quereis ser totalmente pessimistas; talvez, em consequência disso, como ridentes mandeis um dia ao diabo toda a consoladora (sic) metafísica -, e a metafísica em primeiro lugar”. (O Nascimento da Tragédia; Prefácio §7).

Diferentemente da metafísica platônica que apreende o sujeito por um único ponto perspectivo gerador, (o sujeito), o pensamento perspectivo nietzschiano é mais amplo, e busca desestabilizá-lo ensejando que, não há mais um único e destacado ponto perspectivo gerador ou receptor do real, homem/sujeito, mundo/objeto para qual convirja. Não existe um apoderar-se do mundo; tal como ele se apresenta, a fim de apreender suas verdades (realismo); como também inexistente o pensamento – produto; advindo de um sujeito concordante com o real (idealismo).

Instaura-se a perspectiva do pensamento nietzschiano, sugerindo uma superposição de visões, entrelaçado olhares, multiplicidade de focos, pontos perspectivos em uma rede de *relações* em que sujeito (homem) e objeto (mundo), não podem mais ser entendidos como identidades estanques, elementos separados. Nasce as relações de força, onde o corpo como o olho que capta o mundo ganha preponderância em detrimento da racionalidade.

Em Nietzsche; que não se encaixa em nenhuma concepção ou sistema, há uma espécie de monismo reducionista, em que se concebe não haver nada além do corpo humano. Existe um perspectivismo pulverizador, e com superposições, onde se supera a metafísica racionalista clássica, e a tradição filosófica que tanto se esforçou para negá-lo. Eis, o corpo; com os sentidos, as emoções, as paixões e as visões: epidérmica, gustativa, olfativa, sensoriais...

Exortando aqueles que teriam cometido a maior atrocidade à humanidade;- o desprezo e esquecimento pelo corpo humano, Zaratustra com seu simbólico bestiário dispara

Corpo sou eu inteiramente e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de “espírito”, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão (Assim Falava Zaratustra I, Dos desprezadores do corpo).

O corpo, tão desprezado pela racionalidade e metafísica é suporte para o riso. O ato de rir, envolve uma relação complexa entre os processos de pensamento e aspectos emocionais do cérebro, assim como controle físico da caixa torácica e dos músculos da fala;- ri-se com o corpo inteiro.

A propósito do tema, lembra-nos o filósofo das marteladas que, a renúncia às emoções, o desprezo pelo corpo juntamente com a recusa da vida fará morrer no homem as forças e as potencialidades transformadoras.

O filósofo que ri

Dentre os vários textos e aforismos que revela a personalidade ridente do filósofo de Sils-Maria, desponta já nas primeiras páginas de *A Gaia Ciência*, uma ode ao riso. Ali, com seu cinismo cortante inscreve-se um lembrete, àqueles que têm na seriedade e racionalidade da vida seu *modus vivendi*. O filósofo, em troça assevera, “Moro na minha própria casa, nunca imitei ninguém/Rio-me de todos os mestres/Que nunca se riram de si” (NIETZSCHE, 2005). Somente alguém com elevado espírito alegre; e com notável apreço pela vida, seria verdadeiramente capaz de compreender a relação dinâmica e de interdependência entre trágico e cômico, que se converte ciclicamente em prazer, em sofrimento e em conhecimento.

Em artigo escrito especialmente para o periódico “EL PAIS”, o poeta peruano laureado com o Nobel da Literatura em 2010, Mário Llosa relaciona algumas das características psico-comportamentais do homem Nietzsche. Ele esclarece que, ao contrário de uma das imagens mais traduzidas de Nietzsche; como sendo um homem antissocial, sombrio e ensimesmado, resmungão e colérico, ele deixou entre os vizinhos uma imagem radicalmente diferente: a de um homem risonho e simpático, que brincava com as crianças, divertia-se com as piadas dos moradores e evitava a boataria e as discussões da vizinhança. (LLOSSA, 2015).

O consagrado poeta faz jus a sua grandeza ao realizar um nobre esforço em forma de homenagem para compreender o filósofo de Sils-Maria, como um ser ridente do/ e para o mundo; como também da vida e de si mesmo.

Neste ponto, pensador e obra imiscuem-se tendo o riso; e o rir de si próprio como redenção e afirmação da vida; o que libertaria o espírito trágico para a dança (movimento), para a alegria e a sabedoria;- o que em última e afortunada consequência, transfiguraria em leveza criadora o espírito de peso que paira sobre a humanidade.

Vejamos como Nietzsche expressa essa sua alegria ridente, por intermédio de seu profeta maior Zarathustra, em dois textos constantes de obras diferentes, ao qual reproduzimos integralmente:

Levantem vossos corações, meus irmãos, alto, mais alto! E não esqueçam suas pernas! Levantem também as vossas pernas, vós, bons dançarinos, e melhor ainda: erguei-vos também sobre a cabeça! Esta coroa do ridente, esta coroa

de rosas: eu mesmo coloquei esta coroa sobre minha cabeça, eu mesmo santifiquei meu riso. Não encontrei ninguém bastante forte para isto hoje. / Zaratustra, o dançarino; Zaratustra, o leve, aquele que agita suas asas, pronto para voar, acenando a todos os pássaros, pronto e ágil, divinamente leve: / Zaratustra, o verodizente; Zaratustra, o verorridente; não um impaciente, não um incondicional, mas um que ama os saltos e os saltos laterais: eu mesmo coloquei esta coroa sobre a minha cabeça! / Esta coroa do risonho, esta coroa de rosas: a vós, meus irmãos, arremesso esta coroa! Santifiquei o riso; homens superiores aprendam, pois a rir! (Nascimento da Tragédia §7; Assim Falava Zaratustra - “Do Homem Superior” §§ 18-19).

É certo que não existe uma “teoria do riso” [gelotologia] nos escritos nietzschianos; mas, seu estilo mito-poético e aforismático que com sua maneira de combater o tradicional pensamento filosófico com uma “gargalhada desmedida” exhibe claramente uma boa dose de humor, mesmo que ao gosto da tragicidade helênica. Os três grandes mestres da tragédia, Ésquilo, Sófocles e Eurípides;- os heróis trágicos junto à valorização da mitologia grega; sobretudo, naquilo que tange ao conceito apolíneo-dionisíaco serão seus bastiões. Mas há comicidade na tragédia? Segundo Suassuna (2011), sim. Para ele “o trágico é uma categoria estética; assim como é o dramático, o risível e o sublime”;- podendo até mesmo possuir em si uma categoria fundamental de comicidade. Ainda sobre a alegria presente no trágico, Deleuze sabiamente nos adverte:

Trágico designa uma fórmula estética da alegria, não uma fórmula médica, nem uma solução moral da dor do medo ou da piedade. O que é trágico é a alegria que é imediatamente alegre que apenas suscita o medo do espectador obtuso, ouvinte patológico e moralizante que conta com ela para assegurar o bom funcionamento de suas sublimações morais ou de suas purgações médicas. (DELEUZE, 1976, p.11; grifos meus).

Certamente que, o filósofo das marteladas nunca será alçado à categoria de um cômico; e que dela prescindia. Tampouco, se cogita que algum dos seus leitores diletantes e fervorosos; sê esclarecido pretenda restituir-lhe tal virtude. Todos compreendem que seu riso é o riso primordial do deus Dionísio, um riso que prefere o caos à ordem; o desejo da beligerância à apatia, ou o espírito do camelo.

O filósofo que ri dos filósofos

Nietzsche, ao contrário da compreensão hegeliana que admitia um espírito absoluto da história, nunca pretendeu estabelecer uma história oficializada com seu rigor e cientificidade castradora;- ou mesmo, criar uma filosofia da história;- longe disso, ele elabora uma filosofia

histórica (genealogia), que aproxima ambas as visões, sem contudo estabelecer uma relação de submissão entre elas, abolindo metas, fins ou objetivos últimos que guiam a natureza e a humanidade.

Rindo tragicamente ele prescinde das crenças, e das transformações imanentes/transcendentais dos seres, refugiando-se no imediato;- fugindo da teleologia; das utopias dos arrependimentos, da metafísica em que tudo é explicável como trajeto em direção a uma finalidade. Por este viés Nietzsche teria operado uma verdadeira revolução copernicana no pensamento ocidental. Empunhando a espada dionisíaca-heraclitiana; subverte e muda com seu senso de humor “ácido-destrutivo” as certezas e segurança das concepções antropocêntricas e dos teóricos do realismo-idealismo.

Com o filósofo do martelo, o ocidente – para não dizer a modernidade – é despedaçado, solapado em suas fundações. Vinte séculos, se não mais, de mitos, erros, ilusões, são iluminados pela luz mais nua. Uma luz de mesa de cirurgia, na qual se esquartejaria o animal exaurido, errante há mais de dois milênios. No incinerador de semelhante oficina são lançados os pedaços mais sagrados de uma história orgulhosa de seus subterfúgios. Morte do sagrado, dos ideais, dos princípios arquetônicos, morte dos pilares dos templos ocidentais: o Mundo, Deus e o Homem. (ONFRAY, 2014, p. 21).

Nada resta incólume. Crenças, sistemas de pensamento e valores são solapados pelo filósofo, com a altivez da águia e a sagacidade da serpente;- emblemáticas fiéis e inseparáveis companheiras do seu profeta Zaratustra. Rindo, o filósofo lança-se contra os sisudos pensadores pós-socráticos ocidentais, inimigos declarados ou não do riso; fazendo da comicidade uma medida para hierarquizar o temperamento dos filósofos. Afirma ele em seu riso orientado, “Eu chegaria mesmo a fazer uma hierarquia dos filósofos conforme a qualidade do seu riso”. (Para Além do Bem e do Mal;- O vício olímpico, 294).

Segundo COLLI (1987, p. 76, apud ONFRAY, 2014, p. 28-29), a modernidade, e a extrema originalidade do pensamento nietzschiano, está exatamente em reconhecer a animalidade no homem e; mais do que isso: reside em afirmar que a animalidade é a essência do homem. Aí, está o cerne do pensamento trágico por ele proposto;- decisivo, anunciador de tempestades. O pensamento, diante do qual todo o resto da infecunda e triste filosofia moderna foi rebaixado à mera hipocrisia, passível de ser esquadrihada por um novo e ridente “Diógenes” e sua lanterna. (ibid., p.29, grifos meus).

“Ri-te aqui, ri luminosa e saudável malícia minha. Atira das altas montanhas o teu cintilante riso trocista”. (Assim Falava Zaratustra, p. 374, parte IV). É digno de impreciação, o máximo possível tudo aquilo que não reconhece ou que entrava a liberdade, a autonomia e a

independência. O riso do filósofo do martelo; bem como a destacável comicidade que permeia seu pensamento filosófico, (longe de ser um deboche vazio), pelo que se vê, assume assim seu lugar como dissimulação destrutiva;- mas, ao mesmo tempo edificante, que transmutada em sabedoria e alegria trágica, se coloca contra os instintos da fraqueza e da decadência moralizante, contra os desprezadores do corpo, contra os anátemas e desqualificadores do prazer; contra os negadores da vida, enfim.

O riso trágico e sua importância como conhecimento transformador

O riso Zaratustriano é o símbolo máximo de um pensamento “dançante” que se avilta contra o cerceamento do movimento vital, e contra toda uma tradição filosófico-religiosa. “Chamo isso de mau e inimigo do homem: todos esses ensinamentos sobre o uno, pleno, imóvel e intransitório”. (Assim Falava Zaratustra – Nas ilhas bem-aventuradas).

Contra a civilização decaída, a existência, e o conhecimento extremamente racionalizado, o filósofo do martelo manifesta seu riso, trágico é verdade; mas que não exclui o sofrimento;- antes, faz dele um elemento potencializador da vida. O riso

Dionisíaco feroz reverbera-se na dor das transformações. “Criar é a grande emancipação da dor e do alívio da vida; mas para o criador existir são necessárias muitas dores e transformações”. (ibidem).

O próximo aforismo de Nietzsche irá colocar-se diretamente como uma crítica ao comedido e afetuoso Spinoza, onde o riso mostra-se indesejável.

Non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere! (Não rir, não lamentar nem detestar, mas compreender!) Disse Spinoza, da maneira mais simples e sublime que é sua. No entanto, que é intelligere, em última instância, senão a forma na qual justamente aquelas três coisas tornam-se de uma vez sensíveis para nós? Um resultado dos diferentes e contraditórios impulsos de querer zombar, lamentar, maldizer? Antes que seja possível um conhecer, cada um desses impulsos tem de apresentar sua visão unilateral da coisa ou evento; depois vem o combate entre essas unilateralidades, dele surgindo aqui e ali um meio termo, uma tranquilização, uma justificação para os três lados, uma espécie de justiça e de contrato: pois é devido à justiça e ao contrato que esses três impulsos podem se afirmar na existência e conservar mutuamente a sua razão (A Gaia Ciência, p. 170, §333). (sic)

Em Nietzsche há um riso dolorido, sábio e libertador; que não é apenas imanência ou potência resultante do encontro de corpos (ou dos afetos), de um monismo ontológico, ao modo Spinoziano; mas, uma vontade criadora opositora ao logos racional. O riso nietzschiano é assim

uma transvaloração; redenção do homem; restituição de sua grandeza e existência; reposição da vida.

Considerações finais

O riso existe em Nietzsche; e ele é marca da grande sabedoria e do consentimento alegre do mundo. “Fiz lhes ver novas estrelas e novas noites e sobre as nuvens e o dia e noite estendi o riso como um verdadeiro tapete de variadas cores”. (Assim Falou Zarathustra, p. 183, III §3).

Somente alguém dotado de uma personalidade humorística poderia fazer do riso trágico um ato corajoso para libertar o espírito humano. Por certo que sua comicidade não advém de uma vocação nata espontânea para fazer gargalhar “até a barriga doer”; pois seu riso que não é piadista, bufão ou chistoso nasce com a tragédia; com a dor, transfigurada em alegria que se converte em vida. É o riso lírico e poético do Eterno retorno e do Super-homem como expressão e consentimento alegre do mundo. (ONFRAY, 2014, p. 60).

Sim. Em Nietzsche a relevância do riso está em propiciar a reconciliação do homem consigo mesmo;- riso altaneiro, mas que torna seu emitente ignominioso, maldito.

Inelutável, o filósofo do martelo não parece se importar. Como um cavaleiro solitário “Nietzsche extingue as ficções da tradição ocidental: depois dele, sabe-se que o homem é solitário, sem Deus, submetido ao destino, sem liberdade, composto unicamente de forças e energia, que ele é um turbilhão em um universo insensato e para além dos dualismos”. (Ibidem, p. 56). Contra a tradição do pensamento ocidental; é aí que seu riso irônico prospera. Sua troça e ironia desconcertantes questionam a razão e os modos de pensar do intelecto pesado, escuro e rangente quando, posto em movimento.

A graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem; ela fica “séria”! E “onde há riso e alegria, o pensamento nada vale”; - assim diz o preconceito dessa besta séria contra toda “gaia ciência”. - “Muito bem! Mostremos que é um preconceito!” (A Gaia Ciência, 2005, p.167, § 327).

Zarathustra, fala por Nietzsche. Se existe uma hilaridade exasperada, equivalente a uma “maldade risonha” no pensamento do filósofo das marteladas; tal “perversidade risível”, será sempre benquista por tomar o lugar da razão. No riso, se reúne tudo o que é mau, mas

santificado e absolvido pela sua própria bem-aventurança. (Assim falou Zaratustra, III; Os sete selos, §6).

Pelas reflexões que este estudo possibilitou, fica reconhecido o lugar do riso trágico como marca indelével do pensamento nietzschiano; seja em seu teor idiossincrático, de ipseidade, ou conhecimento filosófico. O filósofo da águia e da serpente celebra os méritos da gargalhada e proclama o riso como um imperativo devocional Dionisíaco. Quando o riso aliar-se à sabedoria no dizer do filósofo, talvez haja esperança;- uma Gaia Ciência, ou sabedoria alegre. (A gaia Ciência, 2005, p. 35 grifos meus). E, está armado o palco para o riso libertador.

Não obstante; podemos dançar, nos alegrarmos, sorrirmos com ou, tal como Zaratustra?

Referências:

DELEUZE, Giles. Nietzsche e a filosofia. 1ª Edição brasileira: tradução de Ruth Jofilly e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro – RJ: Editora Rio, 1976.

LLOSA, Vargas Mário. Nietzsche em Sills-Maria (opinião) Jornal El País; 2015. Em: https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#. Acesso em 29/01/17.

NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia: ou Helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

_____. *A gaia ciência*. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. Assim Falava Zaratustra. Tradução de José Mendes de Souza. eBooks Brasil.com, 2002. Disponível em: https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#. Acesso em 27/01/17.

ONFRAY, Michel. A sabedoria trágica: Sobre o bom uso de Nietzsche. Tradução de Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SUASSUNA, Ariano. Iniciação à estética. Rio de Janeiro – RJ: José Olympio, 2011.